

INTERNACIONALIZANDO AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: LETRAMENTO CIENTÍFICO COMO OBJETO DE ESTUDO NAS AULAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

*INTERNATIONALIZING THE ETHNIC-RACIAL RELATIONS: SCIENTIFIC LITERACY AS
AN OBJECT OF STUDY IN SCIENTIFIC INITIATOR CLASSES*

Sandra Lúcia Pita de Oliveira Pereira -

EMITec/SEC/BA/UNEB

Graça Regina Armond Matias Ferreira -

EMITec/SEC/BA/UEFS

<sandrapita@uol.com.br>, <graca.ferreira@nova.educacao.ba.gov.br>

Resumo. O Novo Ensino Médio permitiu a introdução de itinerários formativos, dentre eles à Iniciação Científica que proporciona a discussão de questões étnico-raciais, permitindo a compreensão crítica dessas relações. O objetivo é encorajar o protagonismo juvenil através de propostas que envolvam estímulos ao conhecimento científico aplicado às situações reais dos educandos. A pesquisa-formação foi a metodologia adotada e os dados foram analisados a partir de questionários e narrativas dos educandos. Os resultados demonstraram que esses espaços são cruciais para discussão sobre desigualdades sociais, raciais e históricas e, o letramento científico constitui um instrumento essencial para o estímulo ao conhecimento científico.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais; Letramento científico; Pesquisa-formação; Protagonismo Juvenil.

Abstract. The New High School allowed the introduction of formative itineraries, including Scientific Initiation, which provides discussion of ethnic-racial issues, allowing for a critical understanding of these relationships. The objective is to encourage youth protagonism through proposals that involve stimulating scientific knowledge applied to students' real situations. Research-training was the methodology adopted and the data were analyzed based on questionnaires and students' narratives. The results demonstrated that these spaces are crucial for discussing social, racial and historical inequalities, and scientific literacy constitutes an essential instrument for stimulating scientific knowledge.

Keywords: Ethnic-racial relations; Scientific literacy; Research-training; Youth Protagonism.

1 Introdução

A cultura brasileira sempre foi marcada por se constituir como uma cultura cristã, branca e patriarcal. Pensando assim, é importante explorar temas que abordem o protagonismo juvenil e as relações étnico-raciais em ambientes formais e não-formais com estudantes da Educação Básica. O sistema educacional é a forma mais efetiva para diminuir a discriminação e preconceito na educação básica no Brasil. Faz-se necessário reconhecer essa situação, criando novos parâmetros, modelos e paradigmas.

A estreita relação entre o protagonismo juvenil e a educação antirracista está se tornando cada vez mais importante e essencial nos dias atuais, exigindo um olhar atento dos professores. Isso nos faz recordar a rica história sociocultural da população afrodescendente na Bahia, que por muito tempo foi marginalizada e que, sempre sofreu sub-representação. Urge promover uma maior equidade e representatividade em todos os âmbitos da sociedade, especialmente nas instituições de ensino e nas comunidades onde essas pessoas vivem e se relacionam diariamente. É extremamente pertinente e importante abordar esse assunto em profundidade. Vamos examinar com atenção e seriedade o cenário educacional da Bahia, que se revela bastante complexo e multifacetado.

Os estudantes negros enfrentam diversos desafios cotidianos, como o racismo estrutural, que se encontra amplamente presente nas instituições educacionais, tornando o ambiente de aprendizagem muitas vezes hostil. Esses jovens lidam com estereótipos prejudiciais disseminados pela sociedade ao longo do tempo, e a carência de materiais didáticos que representem de maneira adequada e justa a diversidade étnico-racial é alarmante. Essas questões não são superficiais, pois contribuem para uma compreensão mais aprofundada do tema da intermediação tecnológica, a qual é crucial para assegurar uma educação inclusiva e de qualidade.

Tendo em vista os desdobramentos na educação brasileira, observam-se os esforços de várias frentes do Movimento Negro, em especial os de Mulheres Negras, e o empenho dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e grupos correlatos criados em universidades, que buscam a estruturação de uma política nacional de educação calcada em práticas antidiscriminatórias e antirracistas.

Quando chegam ao Ensino Médio, em sua maioria, jovens e adultos estão desmotivados, vêm de anos de afastamento da escola e, ainda, de muitos processos de exclusão vivenciados em diferentes momentos da vida e por motivos distintos: social, educacional, racial, geracional e de gênero. Se a presença da juventude negra encontra-se em crescimento, o fato por si só obriga o/a professor/a a ponderar sobre sua atuação e conferir um lugar a esses jovens, de maneira que possam conceber-se sujeitos no processo educativo.

Conhecer essa juventude e realizar com ela movimentos saberes dos diferentes jovens, é de fato o que deve mover a construção do conhecimento dessa modalidade de ensino. Vários estudos realizados acerca da juventude têm constatado que no geral o/a jovem não tem sido entendido como sujeito de direitos e, conseqüentemente não exerce protagonismo nos espaços educativos.

Se as expectativas em relação ao processo de aprendizagem estão relacionadas não apenas às condições socioeconômicas, mas também aos hábitos culturais e geracionais e, ainda, aos conhecimentos, habilidades e procedimentos, crenças e valores que possuem os diferentes sujeitos que frequentam a escola é preciso apreender a bagagem cultural diversa dos(as) estudantes, especialmente quando diferentes faixas etárias se circunscrevem nesse espaço.

Para Pinheiro (2023), o lugar de fala na questão da luta antirracista é muito similar: a partir do momento em que entender que vivemos em uma sociedade estruturalmente racista, você terá o que falar sobre ela, a partir do seu olhar, a partir da sua vivência.

2 Desenvolvimento

A escola pública é um cenário perfeito para garantir os três pontos fundamentais para protagonismo juvenil na educação: o acesso, a qualidade e a permanência, fortalecendo políticas que garantam inclusão e objetos de aprendizagem que respeitem os direitos humanos e de aprendizagem. Se não for dessa forma, muitos jovens abandonam a unidade escolar por não fazerem parte desse espaço quando não sentem-se acolhidos e/ou representados pelos objetos de aprendizagem.

Com o objetivo de estimular o protagonismo juvenil por meio de propostas que envolvam estímulos do conhecimento científico aplicado em situações reais no cotidiano dos alunos, a aula foi planejada na perspectiva do enfrentamento do racismo estrutural, ajudando na valorização da identidade e das trajetórias das pessoas negras que pisam em seu chão, dialogando sobre o conceito de protagonismo juvenil, buscando associar as identidades dos alunos e ações de pesquisa em prol da cidadania.

Conectando teoria e prática, a pesquisa-formação através da pedagogia de projetos utiliza uma abordagem educacional que promove o aprendizado ativo e significativo por meio do desenvolvimento de projetos. Estimulando a criatividade, o pensamento crítico e a colaboração,

INTERNACIONALIZANDO AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: LETRAMENTO CIENTÍFICO COMO OBJETO DE ESTUDO NAS AULAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

essa metodologia permite que os educandos se envolvam em questões relevantes da vida real realizando projetos que os interesses dos educandos e às demandas sociais.

Com o propósito de contextualizar uma aula de Iniciação Científica com a abordagem na Lei 10.639/2003, os alunos foram estimulados a selecionar artigos para discussão em sala de aula, com a finalidade de criar argumentos para abordar o protagonismo juvenil e o lugar do estudante negro dentro das relações étnico-raciais e permitir uma tomada para conscientização sobre as questões relacionadas à identidade negra. O conteúdo traz à tona de como essa cultura está correlacionada a todas as áreas do conhecimento do Ensino Médio.

Segundo Santos (2019), temos em potência mídias interativas e aprendizagem colaborativa para além da autoaprendizagem e da mídia de massa. Já podemos aprender com o outro mediado por tecnologias que permitem de fato que esses “outros” se encontrem.

Atuando como facilitadores do processo, os educadores encorajam seus alunos a fazerem pesquisas, formulando perguntas e colaborando em equipes para construção do conhecimento. Os projetos são desenvolvidos em etapas que incluem identificação de problemas, pesquisa, elaboração de soluções e apresentação de resultados, favorecendo a aplicação prática do conhecimento, promovendo um aprendizado interdisciplinar, integrando diversas áreas do conhecimento e preparando os educandos para os desafios contemporâneos.

A metodologia da pesquisa-formação, transforma a dinâmica da sala de aula e torna o aprendizado mais relevante e conectado à realidade dos alunos visando articular práticas formativas que promovam discussão e a reflexão crítica sobre as relações no contexto educacional. Ela se fundamenta em abordagens interdisciplinares e participativas, de modo a fomentar a construção do conhecimento de maneira colaborativa.

3 Considerações finais

Promover e participar de debates a respeito de situações controversas relacionadas à aplicação dos conhecimentos científicos, a partir da construção de argumentos consistentes, e posicionar-se diante dela.

É fundamental que esses debates em sala de aula, prossiga de maneira ampla e abrangente, englobando todas as vozes e assegurando que as opiniões dos jovens sejam sempre ouvidas, respeitadas e valorizadas em sua totalidade. Isso é imprescindível para a realização de uma autêntica e efetiva transformação social que leve em consideração as particularidades e necessidades de cada indivíduo.

A construção do conhecimento nas relações étnico-raciais se apoiam em uma robusta base de referências que dialogam com as temáticas abordadas ao longo da unidade letiva. A literatura disponível é vasta e abrange teorias críticas que exemplificam a prática do letramento científico nas aulas de Iniciação Científica.

4 Referências

EDUFPI, 2019. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, **Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

Pinheiro, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista [livro eletrônico]**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

Santos, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura / Edméa Santos**. – Teresina: EDUFPI, 2019.